



Bravo!

LER, VER E OUVIR

“Um dia se reconhecerá que os melhores filmes baseados na minha obra foram aqueles jamais filmados”

JOHN LE CARRÉ

(EM O TÚNEL DE POMBOS, EDITORA RECORD)

LIVRO



José Maschio, o Ganchão: ex-boia-fria, ex-catador de papel, repórter de campo que transformou a experiência em literatura

As horas sombrias

ROMANCE DE ESTREIA DO JORNALISTA JOSÉ MASCHIO, *TEMPOS DE CIGARRO SEM FILTRO* REVIVE UM COTIDIANO DE BARBÁRIE SECRETA

“**C**hamo isso de literatura popular. No Brasil, a literatura, salvo raras exceções, é feita por e para os bem-nascidos. Eu respeito minha origem boia-fria. Tentei falar a linguagem do povo, ‘chinelo de dedos’, e não aquela empolada dos que podem”, revela, de bate-pronto, o jornalista e escritor José Maschio. Romance de estreia, *Tempos de Cigarro sem Filtro* é uma obra de susto, porque foi parida antes da hora. O golpe e a intervenção federal no Rio precipitaram o lançamento por uma editora de resistência. Nada mais oportuno. O eixo central da obra é o regime militar e como a ditadura fez do brasileiro um exilado em seu próprio país.

A história gira em torno da trajetória dos personagens Ruço e Lozinho, desde os 13 anos, e seu capataz, Jaso, o Louco, o empreiteiro, o gato. A relação servil, senão escrava, dos dois garotos

é desconstruída por Maschio conforme os personagens vão nos envolvendo. Eles nutrem simpatia uns pelos outros e cada um terá uma missão em meio às horas sombrias brasileiras. O que os une são a conveniência, a necessidade ou a dependência. E é nessa perspectiva de falar o que muito não se diz nem se admite que a prosa literária do autor se revela de uma forma que não é comum de ver nos romances atuais. Qual dos protagonistas está narrando o capítulo? Qual a chave para distinguir autor de personagens?

O uso da linguagem oral dá vivacidade e ritmo acelerado à narrativa que passa, marginalmente,

personagens conhecidos, como o general Emílio Garrastazu Médici, o delegado Sérgio Paranhos Fleury e o guerrilheiro Apolonio de Carvalho, ou de tristes fatos, como os policiais civis “disfarçados de repórteres da *Folha da Tarde*” ou o esquadrão da morte. Nos tempos bichudos, a narrativa entra em disputa. “Os jornais noticiariam. Corpo encontrado no Rio Paranapanema. Um não. Vários. E a notícia, extraordinária, virou ordinária. Corriqueira até. Até que sumiram. Do noticiário. Censura afiada, cortou publicação de notícia que contrariava a ordem e o progresso. Brasil do Ame-O ou Deixe-O. Mas os corpos continuavam a boiar”, escreve.

O jornalista, Ganchão, como é conhecido entre colegas, tem larga experiência em contar as histórias dos rincões

do Brasil. Atuou nos jornais *Paraná Norte* e *Folha de S. Paulo*, cobriu desde os sem-terra e garimpeiros aos esquemas de lavagem de dinheiro no mesmo fio desencapado que nos conduziu à hoje midiática Lava Jato. Na infância, catava papel e ossos para fábricas de botões. Virou boia-fria, colhendo algodão e abacaxi. No campo, descobriu que, se não estudasse, “estaria ferrado na vida”. Em sua obra inaugural, os “ferrados” têm muito a nos dizer. — Eduardo Nunomura



TEMPOS DE CIGARRO
SEM FILTRO

De José Maschio
(josemaschio@gmail.com).
Kan Editora, 152 páginas,
40 reais. Lançamento dia
23 de março, em Curitiba,
no Frango Atropelado (Rua
Nilo Peçanha, 1.246).



Bravo! MUSEUS

RIO DE JANEIRO

Uma bússola com um excerto de *A Origem do Mundo* (1866), de Courbet, chama para a instalação *A Medida de Todas as Coisas*, da artista **Helena Trindade**, em cartaz na exposição ***A Letra É a Traça da Letra***, no **Paço Imperial**. De 21 de março a 27 de maio.



PORTO ALEGRE

A Paisagem, de 1924, de **Tarsila do Amaral** integra a mostra ***Arte e História***, sobre a produção brasileira no século XX, ao lado de obras de Di Cavalcanti, Carlos Bracher, Gonçalo Ivo e Siron Franco. Na **Galeria Duque**, até 28 de abril.



FESTIVAL



O ROCK ALICERÇA O LOLLAPALOOZA

APÓS CERTA DOMINAÇÃO DE HIP-HOP E R&B, O ROCK VOLTA A INTERLAGOS COMO UMA ANTIGA NOVIDADE

O rock ainda pulsa. A próxima edição do Festival Lollapalooza, nos dias 23, 24 e 25 de março no Autódromo de Interlagos, em São Paulo, tem como destaques alguns atos de rock-n'-roll bastante respeitáveis. Começando pelo duo inglês Royal Blood, que brilhou absoluto no Rock in Rio em 2015, um inestimável combo de baixo e bateria que parece soar como um batalhão e que já tem fãs como Jimmy Page, do Led Zeppelin, e Matt Helders, do Arctic Monkeys, entre outros famosos. Mike Kerr (baixo, mas também pode chamar de guitarra) e Ben Thatcher (bateria) formam o Royal Blood, que faz aqueles insondáveis mergulhos no meio do público e revisita uma tradição britânica. "A maior parte dos duos quer explorar minimalismo e espaço, enquanto

a gente é o oposto: queremos soar forte e preencher tudo", diz Mike.

Outra atração forte é o som pós-punk dos americanos The Killers, talvez o grupo que mais acredita ainda na fleuma e na pose como elementos constituintes do teatro do rock – não por acaso, chamam seus fãs de "victims". Eles estão em um momento de grande repercussão, em turnê de promoção de *Wonderful Wonderful*, o quinto álbum de estúdio e o primeiro desde 2012, quando lançaram *Battle Born*.

Os veteranos do Red Hot Chili Peppers já são clássicos e espalharam filhotes pelo mundo todo, como o nosso Charlie Brown Jr. O LCD Soundsystem construiu uma ponte

permanente entre a eletrônica e o rock. E então tem também Liam Gallagher, agora com 45 anos, antigo *enfant terrible* do rock dos anos 1990. Segundo disse há alguns dias, o irmão, Noel, é "pior que Donald Trump" e o maior mentiroso do *show business*. Os irmãos Gallagher já não disputam mais esses títulos, há mentirosos melhores, mas ainda são muito bons na arte de dominar plateias.

Na quinta-feira, 22, as atrações LCD SoundSystem, Liam Gallagher e Wiz Khalifa farão no autódromo de Interlagos a promoção de um automóvel que está sendo lançado por uma montadora. O rock é bom, mas o dinheiro manda solitariamente. - Jotabê Medeiros

LOLLAPALOOZA

De 23 a 25 de março, no Autódromo de Interlagos, São Paulo. Ingressos de 800 (um dia) a 2 mil reais (três dias) ou 3,5 mil (três dias mais serviços), entradas inteiras.



Os velhinhos arruaceiros do Red Hot Chili Peppers, o dândi Brandon Flowers e seu The Killers e o duo de efeito multiplicador Royal Blood



RECIFE

Candidato na Unesco a se tornar patrimônio cultural da humanidade, o **Forte de São Tiago das Cinco Pontas** expõe-se a si próprio na mostra **Cinco Pontas**, no **Museu da Cidade do Recife**, que a edificação de quase 400 anos hospeda desde 1982.



AMAZONAS

Inaugurada em 1965, a **Pinacoteca do Estado do Amazonas** estabeleceu-se há nove anos no conjunto de museus do **Palacete Provincial**, construção iniciada em Manaus em 1861. Andou fechada e reabre em 27 de março, com obras dos séculos XIX e XX.



RIO DE JANEIRO

Em honra a **Rosa Oliveira**, morta em 2017, o **Centro Cultural Candido Mendes** leva duas mostras da artista, **Casa de Pássaro** (nome da obra ao lado) e **Retorno ao Jardim Negro**, nas unidades do centro e de Ipanema, até 14 e 30 de abril.



CINEMA

O LAVRADOR QUE COMBATIA

Manuel Bernardino, o Lenin da Matta. De Rose Panet. No Museu da Imagem e do Som (Av. Europa, 158), São Paulo. Dia 24, 18 horas.

Era um homem de pequena estatura, olhos claros, passadas rápidas. Usava costumeiramente uma blusa azul com botões grandes de madrepérolas. Nasceu no Ceará, em 1882. Fugindo da seca, chegou ao Maranhão aos 18 anos e construiu em torno de si uma comunidade. **Manuel Bernardino, o Lenin da Matta**, filme da paraibana Rose Panet, é uma radiografia da gênese de um revolucionário e da ação danosa do poder



sobre os sonhos populares. Será exibido pela primeira vez no dia 24, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo.

Com história desconhecida pelo Sudeste, Manuel Bernardino foi um líder revolucionário rural do Maranhão do início do século XX. Narrada pelo cantor Zeca Baleiro, a história parte de depoimento do revolucionário,

reproduzido no *Diário Oficial da União*, e reúne entrevistas com sertanejos, historiadores e gente como Anita Leocádia Prestes.

Lavrador, Bernardino virou um líder dos trabalhadores com ideias avançadas, em cujo cerne estavam o socialismo e o espiritismo. Obviamente, isso incomodou fazendeiros e comerciantes. Quando a Coluna Prestes passou pela região, Bernardino aderiu à marcha revolucionária com 200 homens, a maior incorporação do movimento. A feitura do filme de Rose é parte do processo de remontagem da história: os percalços da cineasta, as negociações, as permissões. Resgata um Brasil profundo e latente. - JM

OS MELHORES FILMES SE ENCONTRAM NO RESERVA CULTURAL

CONFIRA AS ESTREIAS DA SEMANA



NITERÓI 13h00 • 15h05 • 19h00
SÃO PAULO 14h50 • 16h55 • 19h00 • 21h05



NITERÓI 17h10
SÃO PAULO 13h40



NITERÓI 15h30 • 18h00 • 20h30
SÃO PAULO 16h20 • 18h50 • 21h20



NITERÓI 14h50
SÃO PAULO 13h00 • 14h40

NITERÓI-RJ
AV. VISCONDE DO RIO
BRANCO 880 • 21 3604 1545

RESERVA

CULTURAL

SÃO PAULO
AVENIDA PAULISTA 900
11 3287 3529

CONFIRA NOSSA PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:
WWW.RESERVACULTURAL.COM.BR



Bravo!

TEATRO

A MORAL PRÁTICA COTIDIANA

Senhora dos Afogados. De Nelson Rodrigues. Dramaturgia de Jorge Farjalla. Teatro Porto Seguro, até 29 de abril. Ingressos a 90 reais.

Escrita em 1947, censurada por anos e causadora de reações extremadas, *Senhora dos Afogados* faz parte de um conjunto de obras de Nelson Rodrigues em que o autor afirmava que os "monstros" deveriam subir ao palco. Os monstros, em questão, seriam aqueles que superam ou violam a moral prática cotidiana e não deveríamos fingir que não existem. Junto de *Album de Família*, *Anjo Negro* e *Doroteia*, ela era caracterizada por Nelson como sendo um "teatro desagradável", no



Elenco estelar e tema incômodo, com a assinatura de Nelson Rodrigues

qual os fatos vinham à tona não para chocar, mas para revelar verdades encruadas.

A peça conta a história trágica da família Drummond, cujas filhas mulheres morrem afogadas no mar. Dona Eduarda, mulher de Misael, Moema, a única das filhas que restou, e o filho Paulo vão se revelando lentamente como personagens que

se hostilizam, numa trama que envolve culpas e ódios, incestos e fratricídios. Para Nelson Rodrigues, os Drummond nada sentiam, nada viam, mas muito ocultavam por trás das máscaras da moral. Sábado Magaldi aproximava esta peça a *Electra Enlutada*, a obra-prima de Eugene O'Neill, e ambos os autores reverenciavam

as tragédias gregas.

Nesta montagem, Jorge Farjalla revisita a obra rodriguesana com nuances do teatro pós-moderno. O tom fúnebre é reforçado pela escolha original do cenário e do figurino, apresentando leituras diferentes das que Nelson imaginava. O grande farol em cena, por exemplo, em vez de iluminar a família em um jogo de luz e sombra, vira uma estrutura de múltiplas e simbólicas funções, como a cama onde as mulheres fiéis da família se deitavam. No elenco, a presença de rostos conhecidos, como Alexia Deschamps, Letícia Birkheuer e João e Rafael Vitti, garante um público que sai da peça achando que não presenciou nada desagradável. - EN

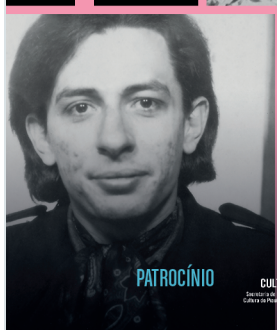
TORQUATO NETO TODAS AS HORAS DO FIM



INGRESSOS ATÉ
R\$12 (INTEIRA)
R\$6 (MEIA)

PELA PRIMEIRA
VEZ NO
CINEMA, A
OBRA E VIDA DO
POETA
TROPICALISTA

HOJE NOS
CINEMAS



PATROCÍNIO

CULTURA



RioFilme



COPRODUÇÃO



TOPÁZIO FILMES

PRODUÇÃO ASSOCIADA



PRODUÇÃO

IMAGEMTEMPO

PATROCÍNIO DE DISTRIBUIÇÃO



PETROBRAS

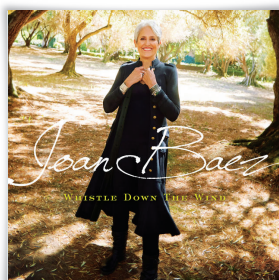


DISTRIBUIÇÃO



POP PARA TRÁS E PARA A FRENTE

UM GIRO PELA MÚSICA DOS ANOS 1960 AOS 2010 NOS NOVOS TRABALHOS DE VETERANOS COMO JOAN BAEZ E CONTEMPORÂNEOS COMO O GRUPO MGMT



INVERNO FOLK

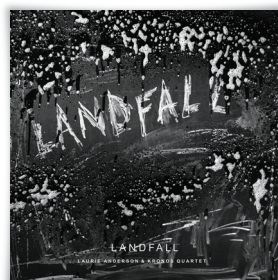
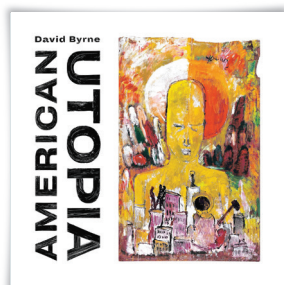
Whistle Down the Wind. De Joan Baez. Proper.

Revelada na década de 1950 como princesa folk norte-americana algo latino-americanizada, e logo em seguida como namorada do jovem Bob Dylan, Joan Baez completa 77 anos podendo exibir uma trajetória inteiriça, de quem sabe a hora de silenciar e a hora de se pronunciar (sem alarde ou estardalhaço). *Whistle Down the Wind* quebra dez anos de silêncio e não pende nem para os romantismos folk dos anos 1960 nem para a dramaticidade brutal de *Diamonds & Rust* (1975). A canção-síntese é *Civil War*, sobre a guerra instalada no presente no planeta de Joan, ou dentro de nós. - Pedro Alexandre Sanches

TODO DIA É UM MILAGRE

American Utopia. De David Byrne. Todo Mundo/Nonesuch.

Desde a saga do grupo roqueiro Talking Heads, inaugurada em 1977, David Byrne cumpre sina de altos e baixos, ora como líder da new wave britânica, ora como brasileiro redescobridor de Tom Zé e outras preciosidades que os brasileiros desprezamos, ora como experimentador hermético e pretensioso. Aos 65 anos e participando do Lollapalooza em São Paulo, apresenta *American Utopia*, de espontaneidade pop-rock e momentos talvez esperançosos, como na ensolarada *Every Day Is a Miracle*. - PAS



O TEMPO EM EXTINÇÃO

Landfall. De Laurie Anderson e Kronos Quartet. Nonesuch.

Sacerdotisa do experimentalismo eletrônico e poético desde a estreia com *Big Science*, em 1982, Laurie Anderson perdeu o marido Lou Reed em 2013 e reaparece no primeiro trabalho desde a perda, nas 30 faixas melancólicas e serenas de *Landfall*, uma parceria mais erudita que festiva com o Kronos Quartet. Os climas sonoros são povoados pelas spoken words de Laurie, hoje com 70 anos, e por termos como "tempestade monstruosa" (prevista pela CNN, segundo o título da faixa de abertura), "cidade escura", "rio negro", "o lado escuro", "decadência do mundo" ... - PAS

DA EUFORIA ELETRÔNICA AO BAIXO-ASTRAL

Everything Was Beautiful and Nothing Hurt. De Moby. Little Idiot/Mute.

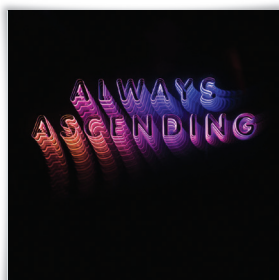
O estadunidense Moby lançou-se à música eletrônica em 1992 e foi pai da matéria na virada dos anos 1990 para os 2000, quando a robótica se tornou regra nas pistas de dança do mundo, digamos, civilizado. Passada a febre do ouro, o nova-iorquino nascido em 11 de setembro de 1965 se segura em trabalhos cada vez mais soturnos e ensimesmados, a exemplo do novo *Everything Was Beautiful and Nothing Hurt*. Títulos como *Like a Motherless Child* e *A Dark Cloud Is Coming* dão a medida do baixo-astral. - PAS



SEMPRE EM FRENTE

Always Ascending. De Franz Ferdinand. Domino.

A banda escocesa Franz Ferdinand era a luz em 2004, com rocks energéticos como *Take Me Out* e *Darts of Pleasure*. O sexto álbum, *Always Ascending*, procura manter a flama "sempre para cima", com momentos mais ensolarados e debochados (*Lazy Boy*, *Lois Lane*) e outros semi-introspectivos (*Feel the Love Go*). - PAS



SOL PSICODÉLICO

Little Dark Age. De MGMT. Sony.

O rock psicodélico astral é o mote dos americanos MGMT desde o hit solar *Time to Pretend* (2007), do álbum *Oracular Spectacular*. O quarto álbum, *Little Dark Age*, desmente a sombra do título e investe na psicodelia leve e alegre de *She Works Out Too Much*, *TSLAMP* e *One Thing Left to Try*, em que a sutileza fala mais alto que o mau humor. - PAS